

Vade tecum: enlaces eugenistas entre Monteiro Lobato e Friedrich Nietzsche¹

Vade tecum: *eugenicist links between Monteiro Lobato and Friedrich Nietzsche*

ARLINDO FERRETTI JUNIOR

Universidade da Região de Joinville | UNIVILLE

EULER RENATO WESTPHAL

Universidade da Região de Joinville | UNIVILLE

ROBERTA BARROS MEIRA

Universidade da Região de Joinville | UNIVILLE

RESUMO Monteiro Lobato leu, citou e recomendou os livros de Friedrich Nietzsche, declarando ser ele o maior gênio da filosofia moderna. Estes dois homens viveram em um contexto de ascensão do pensamento biológico e do desenvolvimento da eugenia. O escritor, como o filósofo alemão, manifestou-se de formas distintas em favor do controle da reprodução humana em benefício de uma imagem normativa de homem. Ressaltamos que Lobato não se entregou totalmente a este pensamento, mantendo uma visão positiva do progresso e posicionando-se favorável à expansão de medidas profiláticas e terapêuticas, além de ter mantido em alta conta os médicos sanitaristas, por seu papel atenuante na miséria nacional.

Palavras-chave eugenia – Friedrich Nietzsche – Monteiro Lobato.

ABSTRACT Monteiro Lobato read, quoted and recommended Friedrich Nietzsche's books, declaring him to be the greatest genius of modern philosophy. Both men lived in a context of the rise of biological thought and the development of eugenics. The writer, like the philosopher, manifested himself in different ways in favor of controlling human reproduction aiming a normative image of man. We emphasize that Lobato did not give himself completely to this thinking, maintaining a positive view of progress and positioning himself in favor of the expansion of prophylactic and therapeutic measures, in addition to having high regards for sanitary doctors and their attenuating role in the national misery.

Keywords eugenics – Friedrich Nietzsche – Monteiro Lobato.

Introdução

A noção de que a humanidade seguia em decadência era defendida por vários intelectuais nos séculos XIX e XX² e pode ser ilustrada por algumas das primeiras palavras da obra *A desigualdade das raças humanas*, de Arthur de Gobineau³: "Nós modernos somos os primeiros a reconhecer que toda associação de homens, junto com o tipo de cultura

por eles produzida, está condenada a perecer. Épocas anteriores não acreditavam nisso⁴. O demérito dos governos, o fanatismo, a luxúria e o ateísmo, argumentava Gobineau⁵, não são as causas da decadência das civilizações, senão consequências de um fator fundamental: a degenerescência racial, gerada pela miscigenação. Essa conclusão era válida especialmente para países cuja população era, como no caso do Brasil, formada por um amálgama de distintos grupos étnicos.

Por outro lado, durante a Primeira República brasileira (1889–1930), o movimento sanitarista colocava em xeque, por meio da publicação de relatórios e artigos em jornais de ampla circulação, algumas das premissas desses pensadores. A constatação, nas palavras de Miguel Couto⁶, de que “o Brasil é um imenso hospital”, constituiu uma saída para o que o olhar estrangeiro considerava uma condenação. Rompendo com o diagnóstico determinista, os médicos passaram a acusar a falta de investimentos governamentais na área da saúde pública como questão central a ser resolvida⁷.

Monteiro Lobato (1882–1948), escritor paulista, sintetiza parte dessa discussão, já que reflete a transição de uma visão determinista do caipira para uma abordagem sanitarista. Ainda que em um primeiro momento considerasse o Jeca um ser sem potencial, por sua preguiça, improdutividade e indolência⁸, a visão de país exposta pelas viagens promovidas pelo instituto de Oswaldo Cruz esvaziaria o caboclo da culpa por sua condição e revelaria o caminho para a redenção daquele que o autor agora acreditava capaz de se tornar tal qual um europeu⁹. Nesse movimento podemos perceber que a fé na ciência permitiu a construção de uma nova expectativa de progresso para o país.

Além do sanitarismo, também se desenvolveu, principalmente a partir de fins da década de 1910, outro conjunto de ideias no país: a eugenia. O termo foi criado por Francis Galton (1822–1911). Com ele, o cientista britânico pretendia nomear a ciência “que lida com todas as influências que melhoram as qualidades inatas de uma raça; também com aquelas que a desenvolvem de maneira mais vantajosa^{10,11}. Influenciado pelos escritos de seu primo Charles Darwin (1809–1882), que havia consolidado a perspectiva evolucionista, Galton¹² defendia uma seleção deliberada de parceiros sexuais, para garantir a procriação de seres humanos da melhor estirpe e, assim, assegurar o avanço da qualidade biológica da humanidade. Cabe observar, no entanto, que princípios eugenistas e sanitaristas se confundiram ao longo da trajetória da saúde pública brasileira¹³.

Não só médicos, mas também literatos, advogados e outros membros da intelectualidade brasileira aproveitaram o momento para se reafirmar como agentes na formação da identidade nacional¹⁴, em um momento de articulação entre rupturas e continuidades que foram também motivadas pelo processo de reorganização política. De acordo com Sevcenko¹⁵, “os intelectuais brasileiros voltaram-se para o fluxo cultural europeu como a verdadeira, única e definitiva tábua de salvação, capaz de selar de uma vez a sorte de um passado obscuro e vazio de possibilidades”.

Esse era o ambiente que os escritos de Nietzsche encontraram ao adentrar no Brasil. Parte dessa elite, preocupada com a construção de uma nação, apropriou-se dos escritos nietzschianos para compor seu projeto de identidade. Se de um lado certos progressistas viam no filósofo um caminho para a superação do atraso; de outro, alguns reacionários adotavam-no como símbolo de uma resistência à modernidade. A recepção brasileira de Nietzsche, dessa forma, abriu-se para distintas interpretações e olhares.

Lobato foi um leitor de Friedrich Nietzsche, como nos revelam suas cartas já do início do século XX que apresentavam o filósofo como uma personalidade rara e excepcional. Este artigo procura discutir de que maneira os escritos de Nietzsche influenciaram o escritor paulista, sobretudo no que tange às discussões científicas, que nos anos que remontam a vida desses dois homens tinham ampla influência. Para isso, delineamos parte dos debates a respeito das relações do filósofo com o pensamento eugenista, sua recepção no Brasil, as diversas menções de Lobato ao seu nome e obra, e, por fim, o que chamamos aqui de enlaces entre ambos os intelectuais.

Nietzsche no Brasil

Os autores dos poucos trabalhos que se dedicaram a estudar a recepção de Nietzsche no Brasil são praticamente unânimes em afirmar que essa área ainda enfrenta notável escassez¹⁶. Apesar disso, por meio da análise da produção desses pesquisadores, é possível indicar que Nietzsche foi bem recebido por uma grande parcela dos intelectuais brasileiros, ganhando diferentes tonalidades, desde a associação aos canais ligados à orientação progressista e disruptiva¹⁷ até a apropriação pelos indivíduos pertencentes não só ao conservadorismo, mas também ao reacionarismo¹⁸.

A inserção desse pensador nas terras brasileiras deu-se no período de formação da República, ou seja, em um contexto marcado pela consolidação do campo científico, por disputas por projetos nacionais, culturais e estéticos e pela intensificação do modelo de vida urbano e industrial. Foi, portanto, uma oportunidade para diversos atores reivindicarem suas ideias como justificativas para suas próprias posturas, ou ainda como síntese do mal que afirmavam combater¹⁹. É recorrente, desde os primeiros textos dedicados ao filósofo, a afirmação de que ele estava na “moda”, como se vê, por exemplo, nos artigos de Veríssimo²⁰, de 1903, e de Almarza²¹, de 1908, o que nos permite sugerir que Nietzsche estava, já no início do novo século, disseminado no meio intelectual nacional.

Um dos conceitos mais explorados pelos autores brasileiros era o do “super-homem”. Em um dos textos pioneiros²² sobre o filósofo no Brasil, de autoria de João Ribeiro²³, escrito em 1896, mas publicado no ano referenciado, vê-se a descrição do “prohomem”, ou “sobre-homem”, um ser que se coloca fora da moral, imbuído de suas paixões e instintos, agarrado à sua força individual. Esse foi também um dos pontos centrais da crítica de Lima Barreto, de 1914, ao texto de Albertina Bertha, que comparava a ideia nietzschiana de “super-homem” ao paraíso cristão e ao nirvana oriental. Para Barreto²⁴, a autora entrava em contradição ao afirmar que um indivíduo dotado de rudeza, excessos egoísticos e impiedade poderia ser associado ao universo moral da tradição judaico-cristã ou budista.

O escritor carioca acusa Nietzsche de ser um dos fundamentos da Primeira Guerra Mundial e revela que tem “por ele ojeriza pessoal”²⁵. É interessante observar que Lima Barreto associa Nietzsche ao capitalismo e à “moral burguesa” dos banqueiros e industriais, dando tons marxistas à sua abordagem. Ele ressalta que os escritos do pensador não são objetivos e sugerem “um apelo à violência, à força, um desprezo pelo refreamento moral, pela bondade, pela caridade, pela piedade, até pelo amor que, para ele [...] [é] uma espécie de vinho de bacantes em festas dionisíacas”²⁶. Algumas décadas depois, em 1946, Antonio Candido²⁷ escreveria uma apologia a Nietzsche, entendendo-o como complemento necessário a Marx, afirmando que o filósofo havia profetizado a “implacável retidão” dos revolucionários soviéticos, “cuja dureza aparente é, no fundo, amor construtivo pelos homens”²⁸.

O texto de Candido²⁹, assim como os de outros autores dos anos que cercaram a ascensão do regime nazista e o pós-guerra, procura articular uma defesa da importância da filosofia de Nietzsche, que vinha sendo associada aos genocídios perpetrados pelo regime de Hitler. Otto Maria Carpeaux, ainda em 1942, assumiu a responsabilidade de discutir vários dos problemas interpretativos que afetaram a imagem do pensador pelo mundo. Profeta que era, nos diz Carpeaux³⁰, “ele não podia ser entendido antes do tempo, que é o tempo presente. Nisto reside a sua qualidade profética”. Para muitos desses intelectuais, Nietzsche não era a causa, senão um cronista do espírito de seu tempo, lançando previsões certas sobre alguns dos terríveis fenômenos que vieram a ocorrer.

Como quer que seja, durante a transição do século, a constituição do campo científico passava ainda por sua fase formativa no Brasil, encontrando sustento sobretudo nos cursos de Medicina e Direito, esparsamente localizados pelo território do país³¹. Entre os cientistas brasileiros, havia também certo apreço pelo filósofo alemão. De forma semelhante ao que ocorreu na Inglaterra, *alma mater* da eugenia, as ideias de Nietzsche foram vinculadas no Brasil às teorias raciais e evolutivas. Renato Kehl³², um dos principais nomes da eugenia brasileira, com frequência mencionava seu nome, revelando admiração e respeito pelo “gênio” e “profeta da sinceridade” que ele teria sido. Em texto originalmente publicado no jornal *Correio da Manhã*, Oliveira Vianna parafraseia Nietzsche³³ e afirma que “um povo – uma massa social de algumas dezenas de milhões de homens – não é mais do que um meio de que a História se utiliza para a produção de uma pequena elite de typos superiores”³⁴.

Pode-se depreender, portanto, que o filósofo foi explorado de diferentes maneiras, sendo utilizado tão diversamente quanto os contextos de seus intérpretes permitiam. É sob esse prisma que pretendemos indicar as apropriações por parte de Lobato da obra nietzschiana. Vale, no entanto, antecipar que alguns dos aspectos valorizados pelo escritor paulista em Nietzsche foram notados no Brasil já em 1893. Rejeitando as conclusões do filósofo, Julio Erasmio³⁵ sintetizava sua leitura: “Devido à filantropia e higiene, os fracos, os imbecis, os doentes, mal constituídos, aleijados, vivem, reproduzem-se, e abastardam cada vez mais a triste humanidade. Só o *sobrehomem*, o tipo dos *übermensch*, produto de rigorosa seleção, pode salvar-nos de irremediável decadência e nojenta degradação”.

Essa leitura, que opõe Nietzsche à caridade, associando-o a uma posição que pretende instalar no mundo um tipo superior de homem, distante daquele decadente³⁶ e degenerado das sociedades cristãs, será abordada no decorrer do texto, quando apresentaremos os enlaces entre Nietzsche e Lobato. Antes disso, lançaremos um olhar geral sobre as aproximações entre o pensador e o universo científico de seu tempo.

Nietzsche, seleção e eugenia

O pensamento de Nietzsche fundamenta-se em uma visão aristocrática de mundo inspirada em Platão³⁷. Para o filósofo grego, a escolha dos indivíduos que deveriam se reproduzir é condição essencial para o funcionamento correto da República³⁸. Aos homens, restaria uma divisão hierárquica, com uma classe nobre a dominar. Torna-se particularmente relevante perceber que, apesar de não usar o termo *eugenia*, havia pouco criado por Galton, Nietzsche explora a noção presente em sua própria etimologia, isto é, a ideia de uma nobreza de nascimento. Como faz notar Moore³⁹, essa nobreza, no entanto, não está relacionada à pureza racial, ou à homogeneidade sanguínea.

Formalmente, Nietzsche opõe-se a Darwin⁴⁰. Ele nega a ideia de evolução via seleção natural. Contra essa suposta “seleção”, o filósofo argumentava, está a observação da natureza: a reprodução dá-se de maneira aleatória e tende a preservar um padrão de qualidade que expulsa qualquer indivíduo superior. “Atribuem-se à *seleção natural*, ao mesmo tempo, vagarosas e infinitas metamorfoses: quer-se crer que cada vantagem se transmite e se exprime, de modo cada vez mais forte, nas gerações que se seguem”⁴¹. Essa visão de evolução, acreditava Nietzsche, não leva em conta que os “indivíduos mais díspares unem-se, os extremos misturam-se na massa”⁴². Assim, o resultado da evolução de determinada espécie não implica superioridade perante as gerações antecedentes, porque o caráter coletivo desse processo acaba por favorecer aqueles que preservam a mediocridade⁴³.

“A influência das ‘circunstâncias externas’ é *supervalorizada* em Darwin até a insensatez”, escreve Nietzsche⁴⁴, que conclui: “O essencial no processo da vida é justamente o poder [*Gewalt*] imensamente configurador, criador de formas a partir de dentro”⁴⁵. O filósofo chama a atenção para a *vontade de poder*, processo que emana do interior dos indivíduos e que se sobrepõe à mera *luta pela sobrevivência*. De acordo com Kaufmann⁴⁶ e Wilson⁴⁷, a cosmovisão nietzschiana é pautada na expansão e dominação, de forma que o organismo não luta apenas para se manter vivo, mas, principalmente, para liberar sua força e exercer seu poder. Os grandes homens, como Sócrates e Goethe, não buscam se preservar, senão “*dar vazão* a sua força”⁴⁸.

Se Darwin estivesse correto e a evolução gerasse apenas indivíduos superiores, não seria possível que estes pudessem exercer seu domínio sobre os mais fracos, pois não restariam parasitas suficientes para serem subjugados⁴⁹. O excesso dos inferiores, fato que constatava em seus dias, no entanto, colocou-o em alerta. A modernidade rompeu o funcionamento natural das disputas entre fracos e fortes. A hierarquia quebrou-se, e na estrutura desse fenômeno Nietzsche encontrou o cristianismo⁵⁰. Para ele, nem mesmo o evolucionismo darwinista havia alcançado se desvencilhar da carga moral do movimento de Jesus⁵¹. Darwin continuava demasiadamente cristão.

O cristianismo é caracterizado por Nietzsche como uma religião dotada da moral dos fracos, ou dos escravos. Essa moralidade é típica dos indivíduos influenciados pelo *ressentimento*⁵². Enraizado no judaísmo, que inverteu os valores

aristocráticos, Jesus de Nazaré converteu-se em “evangelho vivo”, fazendo-se “‘redentor’ portador da vitória e da bem-aventurança aos pobres, aos doentes e aos pecadores”⁵³. O bom, que antes era idêntico ao nobre, ao poderoso, ao belo e ao feliz, foi reconfigurado, resultando em uma identidade com o sofredor, o miserável e o impotente. O que merecia o desprezo era agora visto como digno de amor.

“O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence*”, escreveu Nietzsche⁵⁴. A centralidade dessa questão, como atesta More⁵⁵, é inegável, e o filósofo alemão foi de fato o grande referencial dessa discussão para a virada dos séculos XIX e XX. A sustentação da lógica da decadência pode ser vista na teologia paulina: “Isso me lembra de novo das inestimáveis palavras de Paulo. ‘As coisas *fracas* do mundo, as coisas *tolas* do mundo, as coisas *vis* desse mundo, e as coisas que são desprezadas, Deus as escolheu”⁵⁶, escreve, citando a primeira carta aos Coríntios, e conclui: “Essa era a fórmula; a decadência foi vitoriosa *in hoc signo*. – *Deus em uma cruz* – as pessoas ainda não se deram conta do motivo horrível oculto neste símbolo?”⁵⁷⁵⁸.

O Deus que, “achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz”⁵⁹, é antitético ao modelo superior defendido por Nietzsche. A moralidade limita o indivíduo, retira dele sua liberdade, e o evento que se tornou fundamento do cristianismo, a humilhação de uma divindade em sacrifício vergonhoso, é a afirmação desse movimento de negação de si mesmo. Como proclama Nietzsche⁶⁰: “*Deus, qualem Paulus creavit, dei negativo*”⁶¹. A negação de si é a rejeição também da vida, que, expressa na moralidade cristã originária, resiste aos instintos, em vez de se render a eles.

A palavra alemã utilizada por Nietzsche em muitas das passagens nas quais ataca o que ele considera ser o “amor cristão”, a compaixão ou a piedade é *mitleid*⁶². Como Nussbaum⁶³ nos informa, o sentido do termo é ligado à ideia de “sofrer com” quem sofre. Para a filósofa estadunidense, o pensador alemão, ao criticar a piedade, está assumindo uma posição estoica. Alinhado a Sêneca, portanto, é possível sugerir que Nietzsche considera a compaixão um “vício das mentes fracas, que não podem suportar a visão do sofrimento alheio”⁶⁴. Para os estoicos, o homem sábio deveria basear suas ações na razão, e a compaixão é uma emoção⁶⁵. Nussbaum⁶⁶ ainda esclarece que a principal oposição nietzschiana está no significado da compaixão: o reconhecimento da fragilidade humana, a insuficiência do indivíduo e sua vulnerabilidade diante do mundo.

Como argumenta Stone⁶⁷, na visão de vários eugenistas ingleses, a obra de Nietzsche colocava em termos filosóficos o que Darwin e Galton haviam expressado em seus estudos científicos. Diante da oposição nietzschiana ao cristianismo e à caridade, não é de se estranhar que muitos desses homens tenham se apropriado dos argumentos elaborados pelo filósofo a fim de defender o seu compromisso com as teorias raciais. O editor da primeira versão da obra completa de Nietzsche em inglês, Oscar Levy⁶⁸, ardente partidário da adoção de um modelo aristocrático de sociedade, evidenciou esse cenário de maneira clara, defendendo que Nietzsche fosse consagrado pastor do desordenado rebanho de ovelhas que nos foi legado pela tradição judaico-cristã.

Com base nesse quadro, pode-se depreender que há, nas várias leituras de Nietzsche, uma série de composições típicas de seu tempo, vistas até mesmo pela comunidade científica associada à eugenia. No subtítulo subsequente, procuramos discutir algumas das referências e confissões que Lobato faz em suas produções pessoais envolvendo o filósofo. Esse material revela-nos que o paulista tinha por Nietzsche grande apreço, além de relatar ter encontrado no filósofo base para seus posicionamentos.

Para levar a cabo nosso empreendimento, assumimos como ponto de partida a noção de que qualquer texto, ao ser materializado, sofre irreduzível influência do contexto histórico de seu autor⁶⁹. Assim, não apenas as obras de Nietzsche, como também os escritos de Lobato, devem ser tomados como traços capazes de nos auxiliar a elucidar o passado por intermédio das lentes desses homens, longe de lançá-los no banco dos réus de um tribunal de exceção da história. Reforçamos ainda que a leitura de Nietzsche feita por Lobato é aqui assumida como uma interpretação e não deve ser encarada como transcrição da mensagem nietzschiana em sua integralidade, visto que não é objeto deste artigo. A seleção feita dos textos nietzschianos tenta fornecer pistas das possíveis origens das ideias expressas pelo escritor paulista.

Um banho em Nietzsche

Monteiro Lobato, como outros homens de sua geração, sentia-se responsável pelos destinos do Brasil. Seguindo as ordens do avô, o Visconde de Tremembé, tornou-se bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas, compondo o seleto grupo dos nomes autorizados a pensar o Brasil. Atuou, por pouco tempo, como promotor na cidade de Areias, São Paulo, carreira que abandonou quando, herdando a propriedade do avô, trocou a vida de servidor público pela de fazendeiro⁷⁰. Nos dois momentos, experienciou uma vida interiorana pacata e entrou em contato com personagens que habitavam as regiões rurais do Brasil. Essa experiência marcou profundamente sua trajetória como pensador.

Leitor compulsivo, gostava de internar-se na biblioteca de seu avô desde jovem⁷¹. De sua lista de referências, constavam diversos nomes. Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e Machado de Assis são alguns dos literatos mais citados em suas cartas. Herbert Spencer, Gustave Le Bon e Auguste Comte recebem menção como essenciais em sua formação filosófica e científica⁷². Não há, todavia, outro nome mais elogiado do que o de Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão, “o grande pecador”⁷³, segundo Lobato, o havia feito perceber a importância de movimentar-se em direção a si mesmo. O escritor paulista compartilhava a preocupação de Nietzsche com a decadência humana. Também como o alemão, via a civilização de seu tempo como símbolo mesmo desse declínio, como veremos adiante.

Desde muito cedo, Lobato revelou-se leitor de Nietzsche. Em uma carta que escreveu em 1904 para seu amigo Godofredo Rangel, informava que havia recebido a edição francesa⁷⁴ dos textos do pensador. Ele confidenciou ao amigo que Nietzsche era, de seu ponto de vista, “o maior gênio da filosofia moderna – e o que vai exercer maior influência”⁷⁵. “Dum banho em Nietzsche”, escreveu, “saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. [...] Da obra de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos”⁷⁶. As respostas que procurava para compreender o mundo à sua volta o pai de Emília encontrava nos aforismas nietzschianos.

O contato com as obras do alemão foi a “maior bebedeira” da vida de Lobato⁷⁷, que afirma ter sido intoxicado pela libertação trazida pelo filósofo. É ao individualismo e à autossuficiência que o escritor atribui tal impacto em sua constituição psicológica:

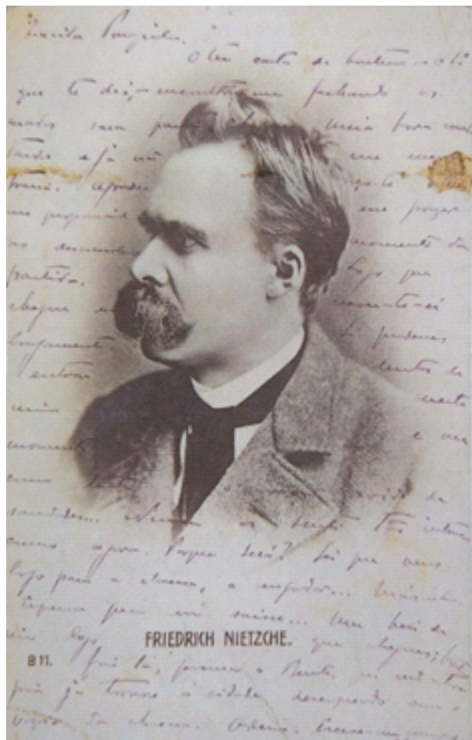
Um dos seus aforismos penetrou em meu ser como a coisa que procurava. “VADE MECUM”, “VADE TECUM.” Queres seguir-me? Segue-te⁷⁸. Essas palavras foram tudo – foram o meu remédio certo. Marcaram o fim da minha crise mental. Normalizaram-me. Entregaram-me a mim mesmo. O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim. Em vez de seguir a alguém, ia seguir a vaga intuição do meu eu...⁷⁹.

No mesmo texto, Lobato revela: “Nietzsche foi de fato o meu sabão. Limpou-me de todas as gafeiras mentais e morais. Mas nunca o li totalmente, de medo de assimilá-lo demais e tornar-me nietzschiano”⁸⁰. Ao evitar a leitura completa do filósofo, o escritor pretendia preservar sua individualidade, num movimento paradoxal de afastar-se do mestre enquanto seguia à risca um de seus ensinamentos centrais.

A imbecilidade dos homens, segundo as reflexões lobatianas, é mantida com o objetivo de “destruir a personalidade humana [...], reduzindo a humanidade a um conglomerado homogêneo”⁸¹. O desenvolvimento da sociedade até os seus dias ele considerava um processo de instalação de rédeas que esvaziava o espírito humano de seus aspectos criativos. Grandes nomes como Voltaire, e o próprio Nietzsche, haviam sido injustiçados por isto: rejeitaram os comandos tiranos para que se reconhecessem como parte da massa.

Escrevendo a Albino Camargo, seu calouro na Faculdade do Largo de São Francisco, Lobato comparou o alemão a Aristóteles, atribuindo aos dois as capacidades de penetrar e abranger todas as esferas da vida. Por isso, imaginava, muitos liam Nietzsche de maneira superficial. Já em 1905, ano dessa carta, como se vê, o autor reclamou ter um domínio amplo o suficiente da obra do filósofo, a ponto de se posicionar como crítico das leituras de alguns de seus intérpretes, que denominava de “caricaturas”⁸². Também não se cansava de indicar seus textos. Enviou um volume a

Rangel, mas esclareceu, na volta do empréstimo, que o amigo ainda não estava maduro o suficiente para ler mais⁸³. Para Maria Pureza da Natividade, sua futura esposa, enviava mensagem de saudades sobrescrita num postal com a imagem do filósofo (Figura 1).



218

Figura 1 – Cartão-postal com a imagem de Friedrich Nietzsche enviado por Lobato a sua futura esposa, Purezinha. Fonte: Azevedo, Camargos e Sacchetta.⁸⁴

Ainda que possuísse as obras completas de Nietzsche em francês, pela leitura das fontes aqui analisadas é possível identificar uma preferência de Lobato por alguns textos específicos, que aparecem de maneira mais evidente em suas referências ao filósofo. “Vade Mecum, Vade Tecum”, que lemos na carta mencionada anteriormente, é uma expressão utilizada em *A gaia ciência*, como já observamos em nota. Leu também, ao menos parcialmente, *Assim falou Zaratustra*, que cita no artigo “O pai da guerra”, inserido no livro *A onda verde*⁸⁵, em uma crítica ao Estado. Podemos ainda reconhecer uma citação retirada do texto *A vontade de poder*, em uma passagem sobre a decadência como fenômeno universal⁸⁶, que citaremos adiante. Dois outros textos do filósofo, porque por ele traduzidos, foram lidos: *O anticristo* e *Crepúsculo dos ídolos*. Esses trabalhos, no entanto, não foram publicados⁸⁷.

Como tradutor, aliás, Lobato fez mais do que colocar em português as letras de Nietzsche. Segundo observou Mendes⁸⁸, em sua prática tradutória o escritor paulista optou por alterar certas expressões, de modo a enquadrá-las em sua perspectiva ideológica. Na tradução do texto *A farewell to arms*, de Ernest Hemingway, por exemplo, o autor modificou a expressão “all thinking men are atheist”, que poderia ser vertida em português como “todos os homens que pensam são ateus”, para, na versão lobatiana: “Todos os homens que pensam com suas cabeças são ateus”, o que pode aludir ao individualismo nietzscheano, tão comemorado por ele.

As referências feitas ao filósofo não acabaram em sua juventude, apesar de a primeira década do século XX ter sido a fase em que mais vemos menções a Nietzsche em suas correspondências. O escritor paulista vivenciou os anos das duas grandes guerras, mas foi particularmente durante o segundo evento que se mostrou mais abalado, talvez porque sua saúde já estivesse dando sinais de fragilidade. Ele escreve: “Que adiantou a bondade de Jesus? Praticam-na só os fracos”⁸⁹. Esse texto, materializado em 1941, no dia 7 de dezembro, algumas horas após os japoneses bombardearem Pearl Harbor, expõe os sentimentos de um homem cansado e apreensivo. “E se tudo for perdido”, declara, “se a Rússia, os ingleses e os americanos caírem, ainda nos resta uma coisa, uma solução – a morte. O suicídio. Ah, só a morte nos libertará da brutalidade alemã”⁹⁰.

Somando as misérias do mundo àquelas de sua vida pessoal, afirmava: “Não tenho mais gosto em viver. Guilherme acertou, morrendo aos 25 anos⁹¹. Edgar acertará, morrendo já. Viva a morte! É linda!”⁹². No mesmo texto, revela que a morte, para ele, não é o fim e recorre a Nietzsche – talvez essa tenha sido a última vez que ele o tenha feito – e ao Eterno Retorno para justificar sua posição. Tendo se apropriado do filósofo em suas reflexões sobre a vida, ao longo de sua obra, vê-se que é também ao filósofo que o autor recorre em seu momento de angústia profunda.

Podemos perceber, portanto, quando analisamos a obra de Monteiro Lobato, que Friedrich Nietzsche é presença frequente em suas linhas. Suas correspondências demonstram notável apreço pelos escritos do filósofo. Na continuação deste artigo, procuramos analisar mais de perto algumas das muitas apropriações e articulações que o paulista realizou, explícita ou implicitamente, dos textos do alemão. Ainda que em algumas passagens não seja possível encontrar menções diretas, as semelhanças evidentes são parte de um contexto compartilhado e nos auxiliam a compreender melhor esse momento histórico.

Enlaces eugenistas: Nietzsche e Lobato

A ideia de *decadência* não era estranha aos intelectuais brasileiros antes da entrada de Nietzsche no Brasil. Isso porque, como citamos anteriormente, os teóricos da degenerescência utilizavam o termo com frequência, para caracterizar a situação global e o destino da espécie humana. Lobato, por certo, entrou em contato com a percepção nietzschiana do termo, já que cita um aforisma sobre esse tema em um texto de sua juventude, incluído na coletânea “Mundo da lua”: “A *decadência* existe em todas as épocas: por toda parte há resíduos e materiais em decomposição; o *processus* vital elimina esses elementos de regressão – *dejecta*”⁹³.

A imposição social baseada no “regime do direito e da moral” anula a seleção dos mais fortes, argumenta o escritor paulista, e vai além, sugerindo que a civilização é responsável pelo enfraquecimento humano, pois ela realizou o feito de afastar a espécie da natureza⁹⁴. Do “Mundo da lua”, podemos mencionar outro excerto, posicionado em meio a uma sequência de textos que sugerem uma reflexão com base nas leituras de Nietzsche⁹⁵. Lobato fala sobre uma ideia que o persegue: o homem é um animal doente: “Enquanto na vida orgânica a evolução dos seres se opera em harmonia com as leis naturais, no *Homo* essa evolução ‘derrapa’, desviando-se delas, arrastando-se por estranhos caminhos”⁹⁶. É do animal febril, entre a nostalgia e a esperança, que emergem as convicções morais, acrescenta.

Como já vimos, para Nietzsche⁹⁷, a vida *em si* é um instinto de expansão, acumulação de força e vontade de poder. Na ausência disso, tudo o que resta é decadente. Segundo ele, os “maiores valores” da humanidade estão em desacordo com esse instinto, pois, a exemplo da *compaixão*, configuram uma movimentação em direção ao sofrer, num retrocesso que “transforma o sofrimento em algo infeccioso”⁹⁸. A *caridade*, por essa perspectiva, não pode ser apreciada. Com relação a ela, podemos encontrar notável conexão entre as proposições nietzschianas e os escritos de Lobato, quando este comenta sobre uma discussão em que se envolveu:

*E á custa de moedas de cobre, a população mantém sobre a face da terra o bando de desgraçados. Mantem. Conserva. Não procura outra solução mais energética, mais limpa – ou elimina-os ou asila-os. A caridade manda isso, disse-me um católico pratico... A caridade manda conservar, não corrigir, não solver o problema. E esse caridoso deblaterou contra a assistência social, contra a eugenia preventiva porque “isso não é caridade”. Caridade é conservar a chaga*⁹⁹.

219

Por sua vez, o filósofo alemão sustenta: “A sociedade *deve* evitar, em inúmeros casos, a procriação: cabe-lhe, além disso, ter à disposição, sem consideração por origem, posição e espírito, as mais rigorosas medidas coercitivas, privações de liberdade e talvez mesmo castrações”¹⁰⁰.

A “conservação da chaga”, criticada por Lobato em sua juventude, aparece também em sua fase adulta. Em 1923, no conto “Fatia de vida”, o autor narra a história de uma pobre lavadeira e de seus filhos doentes, que, levados para um hospital improvisado, têm um destino pior do que poderiam ter se tivessem permanecido em casa. A alma caridosa que os levou ao hospital, com seu tão cristão sentimento, havia provocado um mal ainda maior. Quem contou o caso foi o doutor Bonifácio Torres, que “não era homem querido [...] pela ponderosa razão de pensar com sua própria cabeça”¹⁰¹. A última sentença remete-nos à adaptação da tradução de Hemingway, que citamos anteriormente.

A oposição à caridade não é postura exclusiva de Lobato nem de Nietzsche. Escritos tão ou mais antigos quanto *An essay on the principle of population*, de Thomas Malthus¹⁰², publicado em 1826, já se preocupavam com a tendência de aumento do número de pobres e dependentes, no caso de a caridade ser realizada de forma indiscriminada. Embora as duas coisas sejam geralmente correlatas, no caso dos eugenistas, a preocupação não é especialmente com o aumento do número de indivíduos pobres, senão com a manutenção e a propagação dos que são considerados biologicamente inferiores e, portanto, uma ameaça à raça¹⁰³. Como observa o eticista australiano Singer¹⁰⁴, o desprezo, e não a proteção dos mais fracos, é que era a prática comum antes do advento do cristianismo, e, se uma postura como essa parece inadmissível para alguém, é por conta da permanência da moralidade cristã.

Em *América*, texto publicado em 1932, as personagens empreendem um diálogo a respeito da caridade. Em dado momento, o britânico Mr. Slang, que carrega o requinte de um sábio *gentleman*, afirma: “A não ser que a química e a eugenia nos dêem novas bases á vida, sempre há de haver aleijados e cegos e órfãos [...] e fora o sentimento da caridade, que dá a esses pobresinhos solícitos tutores, como lhes assegurar a sobrevivência?”¹⁰⁵, ao passo que o narrador responde: “E para que assegurar-lhes a sobrevivência?”¹⁰⁶. Explica, em seguida, ao leitor: “Adverti eu em tom de quem houvesse ingerido pela manhã uma omelete de leis espartanas preparadas na caçarola de Nietzsche”¹⁰⁷. O encerramento da citação anterior revela um detalhe que é aqui indispensável: Lobato associava, de fato, a figura de Nietzsche à eugenia, à crítica à caridade e à defesa da eliminação dos indivíduos *inferiores*.

Em outro livro, o escritor paulista narra um romance que tem como eixo uma espécie de máquina que revela o futuro, o *porviroscópio*. A personagem Miss Jane descreve ao narrador alguns dos fatos que ela pôde observar por meio do aparelho, antes de ele ser destruído por seu pai moribundo. A aplicação da “lei espartana”, ou seja, a eliminação da criança, narra a moça, resolveria o problema dos “desgraçados por defeito físico”, os “desgraçados por defeito mental”, que, por sua vez, enfrentariam barreiras legais para se reproduzir¹⁰⁸.

No mundo fictício de *O presidente negro*, o *código da raça* havia instituído a esterilização dos tarados, dos deficientes mentais e de todos os outros considerados inferiores – “os admiráveis processos hoje em emprego na criação de belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América”¹⁰⁹. Também em Nietzsche é possível ler um sugestivo endosso de medidas como as que Lobato insere em seu texto sob a alcunha “leis espartanas”:

*A interdição-bíblica “não matarás!” é uma ingenuidade se comparada à seriedade da interdição vital aos decadentes: “não deveis dar à luz!”... A vida não reconhece nenhuma solidariedade, nenhuma “igualdade de direitos” entre partes saudáveis e degeneradas de um organismo: deve-se, por fim, amputar as últimas – do contrário, é o todo que vem a sucumbir. – Compaixão pelos decadentes, direitos iguais também para os falhados – isso seria a mais profunda imoralidade, isso seria a contranatureza como moral*¹¹⁰.

220

A concepção de indivíduos superiores, para muitos eugenistas, exigia o controle de natalidade pelo Estado. A intelectual feminista Victoria Woodhull, primeira mulher a concorrer à presidência dos Estados Unidos, demandava, em texto publicado em 1888, que o governo instituisse, por força, alguns mandamentos adicionais aos de Moisés, dos quais destacamos o primeiro: “Não deverás casar se fores malformado ou doente¹¹¹”¹¹². Propostas desse tipo, no entanto, não eram unanimemente aceitas, como é de se supor. O escritor inglês Gilbert Keith Chesterton, em sua obra *Eugenics and other evils*, opõe-se veementemente à ingerência do Estado sobre as decisões íntimas dos indivíduos. Indicando a incapacidade avaliativa da burocracia, ele argumenta que “um homem não é imbecil se apenas o eugenista pensa que ele é. A questão que se levanta aí não é sobre sua sanidade, mas sobre a sanidade do [...] eugenista”.¹¹³¹¹⁴

Sem que a sanidade dos eugenistas fosse avaliada, legislações que garantiam a legalidade da esterilização de indivíduos considerados inferiores foram aprovadas em vários países ao longo do século XX, a começar pelos Estados Unidos e pela Inglaterra¹¹⁵. Ainda que alguns religiosos vissem com bons olhos as ações desses cientistas, em geral era na religião que a rejeição das medidas mais radicais encontrava alento. Pela voz de Mr. Slang, Lobato parece ter se apropriado da lição nietzschiana e, percebendo a resistência da Igreja, sugeria que a eugenia deveria substituir a religião retardante, proporcionando terreno fértil para o florescimento do homem de amanhã. “Pela Eugenia teremos afinal o homem e a mulher perfeitos”¹¹⁶.

A perfeição, continua Mr. Slang, pode ser alcançada pela ciência, mas apenas se o cristianismo sair do caminho. A decadência promovida pela religião proporcionou a criação de um culto à feiura¹¹⁷, tendo em vista que se consideram todos iguais. Nas palavras de Nietzsche¹¹⁸, “a única coisa feia é a pessoa que se degenera¹¹⁹”. Assim, “o avanço da Eugenia se faz em progressão diretamente proporcional ao retrocesso da religião, que é a força que preserva, embaraça, impede, inibe”¹²⁰. A religião, associada em suas origens ao medo, será abandonada à medida que o progresso tecnológico reduzir cada vez mais as preocupações do homem moderno¹²¹.

“Pessoas doentes são parasitas da sociedade. É indecente continuar vivendo em certos estados. Deve haver profundo desprezo pela prática de vegetar covardemente na dependência de médicos [...] o *direito* à vida, se foi”¹²², ensina Nietzsche¹²³. “Médicos, por sua vez, devem ser os agentes desse desprezo, – não oferecer receitas, mas ao invés disso uma dose diária de nojo aos seus pacientes”^{124.125}, adiciona. A função dos especialistas não deve ser preservar a vida dos *inferiores*, senão, pelo contrário, impedir sua reprodução, seu direito ao nascimento, seu direito à vida¹²⁶. Em Nietzsche não há salvação para os indivíduos assim classificados. Aqui, Lobato parece divergir.

Os dois autores concordam que há um processo de declínio corroendo o mundo. Ambos compreendem, como se viu, que isso se dá por certo afastamento da natureza, que acabou enfraquecendo o homem, agora rendido aos preceitos morais que defendem os mais fracos. Mas se para Nietzsche não há caminho senão a eliminação dos decadentes, em Lobato a esperança ressurgiu pelas mãos dos médicos sanitaristas. Todo o aparato emprestado do alemão é utilizado de maneira distinta pelo escritor quando ele se vê diante do problema nacional, que atribui, em última análise, não à moralidade do homem cristão, mas à doença proveniente da falta de condições higiênicas adequadas.

Para o paulista, “a revogação, em suma, da suprema lei da biologia, lançou o *Homo sapiens* no despenhadeiro da degenerescência física” e, “biologicamente, o homem é um animal em plena decadência”¹²⁷. Mas também “a ciência dá-nos elementos para modificar este estado de coisas, de modo a permitir à vida humana na zona dos trópicos um surto paralelo ao das outras formas de vida”¹²⁸. Lobato oferece essa solução antes mesmo de escrever *O presidente negro* ou *América*, textos onde, como expomos, o discurso eugenista se torna mais latente.

Parece-nos lícito sugerir que, imbuído da missão de construir projetos viáveis de nação, Lobato acabou por interpretar Nietzsche sem adotar definitivamente a crítica do filósofo ao ideal teleológico do progresso. Para Nietzsche¹²⁹, o progresso é uma concepção falsa, como todas as ideias modernas, sintoma da doença dos decadentes. De acordo com Kaufmann¹³⁰, aliás, a posição nietzschiana de negação da história como um progresso permanente dos valores é a afirmação mais categórica sobre a filosofia do alemão. Ainda que em seus escritos da juventude Lobato¹³¹ tenha chegado a retratar o progresso também como uma ilusão, tal reflexão não vigorou ao longo de seus escritos.

221

Índício da coexistência, em Lobato, de ideias nietzschianas e crença no progresso, é o seguinte trecho presente na obra *América*: “Apenas vejo no progresso uma lei natural. Sou amigo dele porque sou amigo da lei da gravitação, da lei da evolução, de todas as leis da natureza. Deblaterar contra tais leis me parece das coisas mais ridículas que um homem possa fazer”¹³². Possivelmente, o deslumbre com o sucesso do desenvolvimento industrial americano foi fator fundante nessa construção imaginária¹³³. Mais do que coexistir, Nietzsche é até mesmo proclamado como símbolo do progresso, da superação dos valores atrasados¹³⁴.

Diante do que foi exposto, percebe-se que, apesar de ter convergido com o filósofo alemão em grande parte de suas posturas, as questões internas do Brasil motivaram a confiança de Lobato na recuperação dos homens nacionais. A medicina sanitarista acabou configurando-se, portanto, como eixo de uma visão de mundo que adequava as concepções nietzschianas a um projeto de identidade nacional baseado na redenção pela ciência. Enquanto Nietzsche condenava qualquer esperança escatológica como uma ilusão, Lobato converteu-se em um fiel defensor do progresso brasileiro.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, discutimos alguns dos aspectos que, em Nietzsche e Lobato, podem ser visualizados num quadro repleto de aproximações. Nesse recorte, as questões mencionadas estão mais especificamente ligadas ao pensamento científico predominante nos últimos dois séculos. Por meio da análise das fontes, identificamos que o escritor paulista instrumentalizou os escritos do filósofo alemão com os objetivos de compreender sua realidade e agir sobre ela. A condição pobre, mestiça e doente do Brasil direcionou as buscas por referências desse autor e serviu de lente através da qual as percepções lobatianas sobre o país foram erigidas.

A recepção nietzschiana no Brasil teve o privilégio de ocorrer em um momento em que se buscavam referenciais teóricos para tentar explicar as complexidades de um Estado cujas características coloniais e imperiais se emaranhavam com as novidades republicanas. Como mencionamos, se de um lado Nietzsche serviu para legitimar as inovações, também foi apropriado por aqueles que pretendiam rechaçá-las. Essa polivalência indica, sobretudo, que a troca de conhecimentos não se deu em um ambiente estéril, senão em um terreno fértil e propício para a hibridização cultural.

As relações de Nietzsche com o cientificismo de seu tempo, de maneira especial com a eugenia, configuram um tema profícuo para a análise, uma vez que as polêmicas envolvendo seus escritos e a ascensão do regime nazista, que fez largo uso das práticas defendidas pelos eugenistas, não podem ser ignoradas por nenhuma análise mais aprofundada sobre o tema. No limitado espaço deste artigo, objetivamos contextualizar o filósofo, destacando alguns dos elementos de seus discursos sobre as questões relativas ao desenvolvimento do pensamento biológico.

Diante das proposições eugenistas, Nietzsche e Lobato convergiam com relação ao prejuízo causado pela religião, que limitava o avanço da ciência, ao mesmo tempo em que favorecia a sobrevivência dos fracos. Chegaram mesmo, como explicitamos, a sugerir – Lobato, em seu livro de ficção – o controle estatal da reprodução humana não só como uma alternativa viável, mas como indispensável para a criação de seres humanos melhores. Quando a medida em questão é ainda mais radical, como é o caso da deliberada eliminação dos *inferiores*, Nietzsche questiona até mesmo o quinto mandamento, e Lobato, seguindo o filósofo, sugere, mediante as personagens de suas obras, a eliminação das “postas de carne” destinadas a vegetar.

A recepção lobatiana de Nietzsche, diante do que expomos aqui, configura-se como uma leitura particular voltada para determinadas demandas. Em sua confissão mais notória de devoção ao filósofo, o paulista revela que procurou em diversos autores saciar o seu anseio por liberdade, mas foi apenas o alemão quem marcou o fim de sua crise mental: “O que naquela ânsia através das filosofias eu procurava era eu mesmo – e só Nietzsche me contou que era assim”¹³⁵. Ele declara: “Não fiz da vida outra coisa senão, em tudo trilhar o conselho nietzschiano, indiferente a censuras ou aplausos ou a intêresses”¹³⁶.

Ao acatar o conselho de Nietzsche, seguindo a si mesmo, Lobato não poderia evitar distanciar-se de seu mestre quando não visse nele um caminho trilhável para a situação brasileira. A medicina sanitária, a luta contra a pobreza, a ampliação do acesso à educação, a busca pelo progresso, enfim, tudo aquilo que, diante da decadência concebida a marteladas seria ineficaz foi não só proposto, como movido pela ação de Lobato. Assim, apesar de reconhecer no filósofo alemão capacidade ímpar na cena intelectual, os enlaces que manteve com ele foram limitados por sua esperança na superação das agruras que afetavam a efetivação de seu projeto de Brasil.

Notas e referências bibliográficas

Arlindo Ferretti Junior é mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville. E-mail: jnferretti@gmail.com.

Euler Renato Westphal é professor do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville. E-mail: euler-westphal@gmail.com.

Roberta Barros Meira é professora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville. E-mail: rbmeira@gmail.com.

- 1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Código de Financiamento 001. Os autores agradecem aos contribuintes brasileiros.
- 2 Podemos citar por exemplo Bénédicte Augustin Morel, psiquiatra francês que escreveu uma das obras centrais da teoria da degeneração, *Traité des Dégénérescences* (1857). Além dele, destacam-se Louis Agassiz (1807–1873), Gustave Le Bon (1841–1931) e Max Nordau (1849–1923).
- 3 Joseph Arthur de Gobineau (1816–1882) foi um diplomata e escritor. Esteve no Brasil em 1869, retornando ao Velho Continente no ano seguinte. Tornou-se correspondente, por vários anos, do Imperador Dom Pedro II. Sua mais conhecida obra é a citada aqui: *The inequality of human races*. Ver: GOBINEAU, Arthur de. *The inequality of human races*. Londres: William Heinemann, 1915, p. 2-3.
- 4 No original: “We moderns are the first to have recognized that every assemblage of men, together with the kind of culture it produces, is doomed to perish. Former ages did not believe this”.

- 5 GOBINEAU, 1915, op. cit.
- 6 Apud LIMA, Nisia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996, p. 24.
- 7 Idem.
- 8 LOBATO, Monteiro. Urupês. In: LOBATO, Monteiro. *Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014b. p. 37-191.
- 9 LOBATO, Monteiro. Problema vital. In: LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 223-329.
- 10 No original: "Which deals with all the influences that improve the inborn qualities of a race; also with those that develop them to the utmost advantage".
- 11 GALTON, Francis. *Essays in Eugenics*. Londres: The Eugenics Education Society, 1909, p. 35.
- 12 GALTON, Francis. *Hereditary genius: an inquiry into its laws and consequences*. 2. ed. Londres: MacMillan and Co., 1892.
- 13 STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004. p. 331-391.
- 14 SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- 15 Idem, p. 78.
- 16 Ver: MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Barcarolla, 2009; LOMEU, Antonio Vinicius. Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940). *Revista de Teoria da História*, v. 9, n. 1, p. 178-196, 2013; DIAS, Geraldo. Entre renovadores e reacionários: a recepção estética e política da obra de Nietzsche na imprensa brasileira no período de 1893 a 1945. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 1, p. 85-102, jun. 2015; RUBIRA, Luís. Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão. *Cadernos Nietzsche*, v. 37, n. 3, p. 18-64, dez. 2016.
- 17 DIAS, 2015, op. cit., p. 89.
- 18 Idem, p. 95.
- 19 Lomeu, 2013, op. cit., p. 193.
- 20 VERÍSSIMO, José. Um Nietzsche diferente. *Cadernos Nietzsche*, v. 1, p. 125-132, 1º dez. 2014.
- 21 ALMARZA, Enrique Paul. O super-homem. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 2, p. 119-122, jan./dez. 2015.
- 22 Tudo indica que a primeira menção a Nietzsche no Brasil seja de Tobias Barreto, da Faculdade de Direito do Recife, em 1876. O texto lido foi, possivelmente, a *Primeira consideração extemporânea*, de 1873. Barreto dominava o idioma alemão e leu a obra no original. Ver: PANTUZZI, Tiago Lemes. *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-29062016-120906/>>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- 23 RIBEIRO, João. Frederico Nietzsche. *Almanaque Brasileiro*, n. 2, p. 247-250, 1904.
- 24 BARRETO, Lima. Estudos. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 1, p. 167-172, jan./jun. 2015.
- 25 Idem, p. 169.
- 26 Idem, p. 170.
- 27 CANDIDO, Antonio. O portador. *Cadernos Nietzsche*, v. 32, p. 13-2, 2013.
- 28 Idem, p. 15-16.
- 29 Idem.
- 30 CARPEAUX, Otto Maria. Nietzsche e as consequências. *Cadernos Nietzsche*, v. 37, n. 3, p. 69-79, dez. 2016, p. 74.
- 31 SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.
- 32 KEHL, Renato. A doença de Nietzsche. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, n. 1, p. 59-62, 1934, p. 61.
- 33 NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 62.
- 34 VIANNA, Oliveira. Os typos eugenicos. *Boletim de Eugenia*, v. 1, n. 15, p. 3, 1935, p. 3.
- 35 ERASMO, Julio. O neo-cinismo. *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 1, p. 103-106, jun. 2015, p. 105, grifos do autor.
- 36 A concepção nietzschiana de *decadência* reside parcialmente em Paul Bourget. De acordo com Kaufmann, Nietzsche só passou a utilizar o termo após ler a obra desse autor. Ver: KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: philosopher, psychologist, antichrist*. 4. ed. Princeton: Princeton University Press, 2011, p. 73.
- 37 SALANSKIS, Emmanuel. Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, v. 32, p. 167-201, 2013, p. 177.
- 38 PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 227.
- 39 MOORE, Gregory. *Nietzsche, biology, and metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 157.
- 40 Nietzsche possivelmente não entrou em contato com o texto de Darwin, mas com intérpretes que colocavam Darwin em uma lógica mais progressionista. Ver: WILSON, Catherine. Darwin and Nietzsche: selection, evolution, and morality. *Journal of Nietzsche Studies*, v. 44, n. 2, p. 354-370, 2013; SALANSKIS, Emmanuel. Nietzsche, Darwin e a questão do progresso evolutivo. *Discurso*, v. 48, n. 2, p. 95-107, 8 out. 2018.
- 41 NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 343, grifo do autor. O texto *Der Wille zur Macht*, traduzido comumente por *Vontade de poder* ou *Vontade de potência*, é um dos mais polêmicos da trajetória do autor. Sua irmã Elisabeth Förster-Nietzsche associou-se a movimentos que defendiam a pureza racialariana, incluindo o nazismo. Ela foi a principal responsável por organizar essa obra póstuma, composta de fragmentos cuja autoria é frequentemente questionada por estudiosos do filósofo, conforme: MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006. O texto foi aqui explorado porque foi lido e utilizado por Lobato.
- 42 Idem, p. 343.

- 43 WILSON, Catherine. Darwin and Nietzsche: selection, evolution, and morality. *Journal of Nietzsche Studies*, v. 44, n. 2, p. 354-370, 2013, p. 363.
- 44 NIETZSCHE, op. cit., 2008, p. 329, grifo do autor.
- 45 Idem, p. 329.
- 46 KAUFMANN, 2011, op. cit.
- 47 WILSON, 2013, op. cit.
- 48 NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004^a, p. 20, grifo do autor.
- 49 NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2011.
- 50 Foi contra Lutero e a reforma que Nietzsche lançou suas maiores críticas quando se referiu ao cristianismo. Ver: NIETZSCHE, Friedrich. The Anti-Christ. In: NIETZSCHE, Friedrich. *The Anti-Christ, Ecce homo, Twilight of the idols, and other writings*. Tradução de Aaron Ridley e Judith Norman. Nova York: Cambridge University Press, 2005a. p. 1-68. Conforme expõe Westphal, Nietzsche contrapõe dois tipos ideais: Dionísio e o crucificado. Se o primeiro simboliza a vitória da vontade dos fortes, o segundo representa a defesa dos mais fracos. Ver: WESTPHAL, Euler Renato. *Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State*. Paderborn: Verlag Ferdinand Schöningh, 2019.
- 51 WILSON, 2013, op. cit., p. 365
- 52 Para Scheler, Nietzsche erra ao interpretar o cristianismo como uma religião do ressentimento. O equívoco estaria localizado em uma confusão conceitual. O autor argumenta que, em oposição ao “amor” da Antiguidade greco-romana, bem como aquele dos movimentos humanistas modernos, o “amor” cristão funda-se em uma figura divina que é amor em sua essência. Ver: SCHELER, Max. *Ressentiment*. Tradução de Louis A. Coser. Milwaukee: Marquette University Press, 1994. Na prática, a tradição cristã coloca o amor em uma esfera espiritual, fora da natureza. Assim, é impossível que ele esteja associado ao desejo de vingança e de retaliação que funda o ressentimento. Pelo contrário, a tradição de Jesus, construída ela mesma na plenitude vital, exige o serviço e o sacrifício apesar (e não por conta) da fraqueza, da doença e da inferioridade. É relevante notar que Kaufmann, ao tecer uma apologia da percepção nietzschiana de compaixão, parece alocar Nietzsche como um crítico não do cristianismo, mas daqueles que “amam” o pobre, o fraco e o doente por sua condição, e não apesar dela. Nas palavras de Kaufmann, “what he attacks, in other words, is the state of mind that frequently hides behind the respectable façade of Christian virtue”. Ver: KAUFMANN, 2011, op. cit., p. 371.
- 53 NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b, p. 27.
- 54 NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, p. 9.
- 55 MORE, Nicholas D. The philosophy of decadence. In: DESMARAIS, Jane; WEIR, David (orgs.). *Decadence and literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 184-199.
- 56 NIETZSCHE, 2005a, op. cit., p. 52-53, grifos do autor.
- 57 No original: “This reminds me again of the invaluable words of Paul. ‘The weak things of the world, the foolish things of the world, the base things of the world, and the things that are despised, that God chosen’: this was the formula; decadence was victorious *in hoc signo*. – God on the cross – have people still not grasped the gruesome ulterior motive behind this symbol?”.
- 58 NIETZSCHE, 2005a, op. cit., p. 52-53, grifos do autor.
- 59 Filipenses 2:8 ACF.
- 60 NIETZSCHE, 2005a, op. cit., p. 45, grifos do autor.
- 61 Em tradução livre: “Deus, qual criado por Paulo, é a negação de Deus”.
- 62 NUSSBAUM, Martha C. Pity and Mercy Nietzsche’s Stoicism. In: SCHACHT, R. (org.). *Nietzsche, genealogy, morality: essays on Nietzsche’s genealogy of morals*. Berkeley: University of California Press, 1994. p. 139-167.
- 63 Idem.
- 64 No original: “A vice incident to weak minds which cannot endure the sight of another’s sufferings”. Ver: SÊNECA. *Of Clemency (De Clementia)*. Tradução de Aubrey Stewart. Londres: George Bell and Sons, 1900. v. 2.
- 65 WALTON, Douglas N. *Appeal to pity: Argumentum ad misericordiam*. Albany: State University of New York Press, 1997.
- 66 NUSSBAUM, 1994, op. cit.
- 67 STONE, Dan. Nietzsche and Eugenics. In: STONE, Dan. *Breeding Superman: Nietzsche, Race and Eugenics in Edwardian and Interwar Britain*. Liverpool: Liverpool University Press, 2002. [s.p.].
- 68 LEVY, Oscar. *The revival of aristocracy*. Londres: Probsthain & Co., 1906.
- 69 CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- 70 CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962a. 2 v.
- 71 Idem.
- 72 LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964b.
- 73 LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961a. v. 1, p. 66.
- 74 A edição mencionada por Monteiro Lobato é a de Henri Albert (1869–1921). Ainda que não tenha sido autor da primeira tradução de Nietzsche ao francês, Albert consagrou-se pela publicação das obras completas do filósofo alemão. Lobato informa, na carta mencionada, que recebeu dez volumes, o que nos permite supor, cruzando com as informações disponibilizadas pelos estudos de Laure Verbaele, que ele possuía em mãos: *Humain trop humain* (1899), *Crépuscule des idoles, Nietzsche contra Wagner, L’Antéchrist, Le Cas Wagner* (1899), *La généalogie de la morale* (1900), *Le gai savoir* (1901), *Ainsi parlait Zarathoustra* (1901), *Aurore* (1901), *L’origine de la tragédie* (1901), *Humain trop humain II* (1902) e *La volonté de puissance* (1903). A esses volumes, possivelmente soma-se *Par delà Bien et le Mal*, traduzido em 1886 por L. Weiskopf, George Art e Albert e inserido nas *Oeuvres complètes de Fr. Nietzsche*

- em 1894, de acordo com a nota de Albert (1896). Ver: VERBAERE, Laure. Les traductions françaises de Nietzsche: en Europe. *Etudes Germaniques*, n. 251, v. 3, p. 601-621, 2008; ALBERT, Henri. Notes. In: NIETZSCHE, F. *Par delà le Bien et le Mal*. Leipzig: C. G. Naumann, 1896. p. 260-263.
- 75 Lobato, 1961a, op. cit., p. 65-66.
- 76 Idem, p. 65-66.
- 77 LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964a. v. 1, p. 222.
- 78 Expressão utilizada por Nietzsche como título do sétimo verso introdutório de *A gaia ciência*: “Atraem-no meu jeito e minha língua, // você me segue, vem atrás de mim? // Siga apenas a si mesmo fielmente: – // Assim me seguirá – com vagar! Com vagar!”. Nessa passagem, Nietzsche nega o conselho de Jesus Cristo, dado no capítulo 16 do livro de Mateus: “Então disse Jesus aos seus discípulos: ‘Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me’”. O individualismo nietzschiano contrasta com a conclamação de Cristo pelo abandono de si. Ver: NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19.
- 79 LOBATO, 1964b, op. cit., p. 222-223.
- 80 Idem, p. 223.
- 81 LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961b.
- 82 LOBATO, 1964a, op. cit., p. 78-79.
- 83 LOBATO, 1961a, op. cit., p. 84.
- 84 AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001, p. 43.
- 85 LOBATO, Monteiro. A onda verde. In: LOBATO, Monteiro. *A onda verde e o presidente negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956a. p. 3-124, p. 56.
- 86 LOBATO, Monteiro. Mundo da lua. In: LOBATO, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951b. p. 3-94, p. 26.
- 87 MELLO, Giovana Cordeiro Campos de. *Assimilação e Resistência sob uma Perspectiva Discursiva: o Caso de Monteiro Lobato*. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSeca_o=resultado&nrSeq=21577@1>. Acesso em: 28 jun. 2019, p. 150.
- 88 MENDES, Denise Rezende. *Monteiro Lobato, O Tradutor*. Monografia (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2002.
- 89 LOBATO, Monteiro. Miscelânea. In: LOBATO, Monteiro. *Mundo da Lua e Miscelânea*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1951a. p. 125-338, p. 170.
- 90 Idem, p. 171.
- 91 Lobato perdeu seu filho Guilherme, de 25 anos, em 1938. Edgar, seu segundo filho, aos 32 anos, encontrava-se em estado de definhamento e acabou falecendo em fevereiro de 1943. Ver: CAVALHEIRO, 1962, op. cit.
- 92 LOBATO, 1951a, op. cit., p. 172.
- 93 LOBATO, 1951b, op. cit., p. 26, grifos do autor. A citação é retirada do aforisma 339, da obra *A vontade de poder*. Ver: (NIETZSCHE, 2008, op. cit., p. 185.
- 94 Lobato, 1951b, op. cit.
- 95 No mesmo conjunto de textos, é possível encontrar referências ao escritor naturalista francês Émile Zola. Uma pequena nota de Lobato em referência ao livro *Le docteur Pascal*, lançado em 1893, pode ser lida em “Mundo da lua”. No livro, Zola (2013) descreve um médico envolvido com estudos de hereditariedade que prometia curar doenças. Ao longo da obra se desenvolve o romance do médico com sua sobrinha, que a princípio se opõe ao trabalho dele, motivada por suas crenças religiosas. Ver: ZOLA, Émile. *O Doutor Pascal*. Tradução de Henrique Marques. São Paulo: Centauro, 2013.
- 96 LOBATO, 1951b, op. cit., p. 38, grifos do autor.
- 97 NIETZSCHE, 2005a, op. cit., p. 6.
- 98 Idem, p. 6. No original: “Makes suffering into something infectious”.
- 99 LOBATO, 1951b, op. cit., p. 53.
- 100 NIETZSCHE, 2008, op. cit., p. 369-370, grifo do autor.
- 101 LOBATO, Monteiro. O macaco que se fez homem. In: LOBATO, Monteiro. *Contos Completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a. p. 519-621, p. 610.
- 102 MALTHUS, Thomas. *An essay on the principle of population*. Londres: Ward, Lock & Co., 1890.
- 103 BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. São Paulo: A Girafa, 2003.
- 104 SINGER, Peter. *Ética Prática*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- 105 LOBATO, Monteiro. *America*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 37.
- 106 LOBATO, 1966, op. cit., p. 37.
- 107 Idem, p. 37.
- 108 LOBATO, Monteiro. O presidente negro. In: LOBATO, Monteiro. *A onda verde e o presidente negro*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956b. p. 125-324, p. 212.
- 109 Idem, p. 212-213.
- 110 NIETZSCHE, 2008, op. cit., p. 370, grifos do autor.
- 111 No original: “Thou shalt not marry when malformed or diseased”.
- 112 WOODHULL, Victoria C. Stirpiculture; or the scientific propagation of the human race. In: WOODHULL, Victoria C. *Lady eugenis: feminist eugenics in the speeches and writings of Victoria Woodhull*. São Francisco, Califórnia: InKling Books, 2005. p. 124-142, p. 128.
- 113 No original: “A man is not imbecile if only a Eugenisist thinks so. The question raised would not be his sanity, but the sanity of the [...] Eugenisist”. Tal desconfiança a respeito da superioridade do julgamento dos especialistas é vista também em “O alienista”, de Machado de Assis. Ver: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O alienista e o espelho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 7-94.

- 114 CHESTERTON, Gilbert Keith. *Eugenics and other evils*. Londres: Cassel and Company, 1922, p. 37.
- 115 BLACK, 2003, op. cit.
- 116 LOBATO, 1966, op. cit., p. 208.
- 117 LOBATO, 1961a, op. cit., p. 207.
- 118 NIETZSCHE, Friedrich. Twilight of the idols. In: NIETZSCHE, Friedrich. *The Anti-Christ, Ecce homo, Twilight of the idols, and other writings*. Tradução de Aaron Ridley e Judith Norman. Nova York: Cambridge University Press, 2005b. p. 153-229, p. 202.
- 119 No original: "The only thing ugly is a *degenerating* person".
- 120 LOBATO, 1966, op. cit., p. 208.
- 121 LOBATO, 1966, op. cit., p. 209-210.
- 122 No original: "Sick people are parasites on society. It is indecent to keep living in a certain state. There should be profound social contempt for the practice of vegetating in cowardly dependence on doctors [...] the *right* to life, is gone".
- 123 NIETZSCHE, 2005b, op. cit., p. 209-210, grifo do autor.
- 124 No original: "Doctors, for their part, would be the agents of this contempt, – not offering prescriptions, but instead a daily dose of *disgust* at their patients".
- 125 NIETZSCHE, 2005b, op. cit., p. 209-210.
- 126 Alguns dos desdobramentos dessa perspectiva podem ser vistos em Westphal e Ferretti Junior, que discutem as consequências morais de certa leitura sobre Nietzsche sob o prisma da viabilidade e dos limites éticos do aborto seletivo. Ver: WESTPHAL, Euler Renato; FERRETTI JUNIOR, Arlindo. O aborto seletivo como caminho para o infanticídio. *Estudos Teológicos*, v. 59, n. 2, p. 502-515, 23 dez. 2019.
- 127 LOBATO, Monteiro. Problema vital. In: LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e problema vital*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p. 223-329, p. 325.
- 128 Idem, p. 326-327.
- 129 NIETZSCHE, 2005a, op. cit., p. 5.
- 130 KAUFMANN, 2011, op. cit., p. 149.
- 131 LOBATO, 1951b, op. cit., p. 38.
- 132 LOBATO, 1966, op. cit., p. 71-72.
- 133 Já em *Problema vital* lemos que o Jeca, recuperado pela ciência, só pensava em "progressos, coisas americanas", o que sustenta essa sugestão. Ver: LOBATO, 1956c, op. cit., p. 337.
- 134 Idem.
- 135 LOBATO, 1964b, op. cit., p. 223.
- 136 Idem, p. 224. Este texto foi publicado pelo jornal O Estado de São Paulo em 1955, com datação indefinida. Seu conteúdo posiciona-o na entrada do decênio derradeiro do autor.

[Artigo recebido em Maio de 2020. Aceito para publicação em Dezembro de 2020]